

• **RESENHAS**

OS RIOS INUMERÁVEIS

ÁLVARO CARDOSO GOMES

Carlos Alberto Vechi*

A História da Literatura Brasileira mostra que uma das grandes linhas de força da literatura nacional está em encontrar as raízes de sua cultura para, em função deste achado, produzir uma arte que interprete o que se convencionou chamar de consciência nacional. O Romantismo foi o primeiro movimento estético a tentar essa incursão. Eivado pelo nacionalismo e o sentimento nativista, procurou revelar a origem aristocrática da cultura brasileira pelo exercício do indianismo, ou, como fez Alencar, pelo mapeamento revelador não só de diferentes momentos de nossa cultura, como também de peculiaridades humanas encontradas nas diferentes regiões geográficas do país. Entretanto, a visão que se tem da cultura no Romantismo, bem como a visão do mundo que seria própria do brasileiro, se vê enformada pelo exagero do idealismo. É um Brasil que tem sua fisionomia composta pela pena do idealmente concebido. Tem-se de esperar, pois, pelo advento do Modernismo para que a equação seja desenvolvida de forma crítica, por um discurso que dialoga com a realidade circundante, objetivando não só examinar naquilo que há de mais exemplar a maneira de ser do brasileiro, mas também buscar os fundamentos indiciadores das bases de sua cultura. Neste sentido, a primeira obra representativa seria *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Nela, o autor, à medida que faz uma releitura do discurso romântico, à medida que investiga os mitos regionais, transforma-os no discurso estético que busca investigar as raízes da nacionalidade brasileira. O resultado alcançado por Mário de Andrade na sua rapsódia aponta para aspectos dessa temática até então não explorados. Além do autor de *Paulicéia desvairada*, merece destaque a figura de Oswald de Andrade, que, com *Memórias*

* Professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo - USP e crítico literário.

sentimentais de João Miramar, se coloca como o investigador do outro lado da questão apresentada por Mário de Andrade em seu romance: o brasileiro que só consegue ver o seu país depois de ter estado na Europa. Entretanto, o Modernismo, revolucionário em seu início, acabou se envolvendo num nacionalismo cada vez mais de cunho fascista; o que se prometia como um programa a ser desenvolvido – a revisão crítica da história cultural brasileira – se perde, desemboca num nacionalismo arrevesado.

O Modernismo de 30, por seu turno, preocupado com questões de ordem político-social e econômica, contribui para que o anunciado pela geração de 22 fosse colocado em segundo plano. É somente com Guimarães Rosa que a questão volta à baila. Porém de uma maneira diferente, pois é o Brasil arcaico, representado na figura do sertanejo e sua visão do mundo mágico-mítica, que se coloca como linha de força a dirigir o trabalho do escritor mineiro. Depois dele, no que diz respeito a essa problemática, pode-se dizer que o marasmo tomou conta das nossas letras. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, parece que a literatura brasileira passa por um estado de hibernação, principalmente quanto à prosa literária e, mais especificamente, ao romance.

Neste fim de década e de século, a situação parece se reverter, com a publicação de *Os rios inumeráveis*, de Álvaro Cardoso Gomes. Esse romance, como afirma o crítico José Paulo Paes, no prefácio que faz ao livro, “constitui-se num momento epifânico de nossa literatura”. O fruidor acompanha as aventuras do herói Fernão Matias Ribeiro (que se metamorfoseia em várias personas ao longo do romance), seduzido não só pelo domínio da técnica narrativa que o autor demonstra controlar perfeitamente, sem cair no mero virtuosismo, mas também pelas situações narradas e pelo substrato lingüístico que as enforma.

Dividido em nove capítulos, o texto percorre momentos decisivos de nossa história e coloca em questão que aquilo que é apresentado oficialmente dos fatos é apenas a ponta do iceberg; e, o mais importante, equaciona verdade sob a perspectiva do possível e não do verdadeiro. Neste jogo de ambigüidades que permeia as situações narradas, o autor investiga o que poderia ser constitutivo na formação do caráter brasileiro, como também, pela releitura que faz dos diferentes momentos históricos abordados e de textos de natureza literária ou não, transforma o espaço ficcional no espaço lúdico em que diferentes perspectivas a respeito do conteúdo trabalhado ora se complementam, ora se contradizem.

Os três primeiros capítulos traçam, por meio de um discurso em que real e imaginário, fantástico e histórico se mesclam, as origens de uma nova nação. No quarto capítulo, o autor mergulha na sondagem dos acontecimentos que acabaram, mais tarde, determinando a proclamação da Independência. Aqui, Fernão, o herói de mil faces que percorre os séculos de nossa história, veste a máscara de Fernando, um jovem frustrado que, por não ter seus dotes poéticos reconhecidos, acaba traindo o projeto dos inconfidentes e o amor da sua bela amada. Em “A queda da casa de Creek”, quinto capítulo, tem-se a visão de um Brasil envolto pelo satanismo idealista dos ultra-românticos. O que impera nele é o noturno, o soturno, o demoníaco. A realidade se esfumaça para ceder lugar a uma

idealidade que só encontra espaço para se realizar no sonho. Matias Ribeiro é a nova identidade do herói, que se oculta no pseudônimo de Lord Creek, referência direta a Usher, de Edgar Allan Poe. No sexto capítulo, “E o sertão vai virar mar”, o texto se debruça sobre um acontecimento dos primeiros anos da República, até hoje não bem explicado: a Guerra de Canudos. A referência próxima é *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Nele, Fernando, imediato do Coronel Tamarindo, responsável pela campanha, não só trai o seu superior, como também ganha a dimensão do anjo da morte que leva Canudos à destruição. “O filho do cão”, sétimo capítulo, reconstrói a trajetória de Lampião e seu bando. Aqui, Fernão assume a personalidade de Matias Fernando Ribeiro, o Fernando Cão: Lampião.

No oitavo capítulo, vive-se o desvario do Modernismo brasileiro, tendo como pano de fundo o movimento integralista, cujo líder é Ênio Sales. O Brasil integralista de Plínio Salgado e os sonhos revolucionários do Modernismo são os assuntos enfocados nesse momento da narrativa. O chefe integralista tem sua voz de comando marcada pela expressão *zanê*, de origem tupi, que ele está sempre proferindo, mesmo quando em seu quarto de dormir. O herói Fernão aparece, agora, travestido na figura de Fernanda. Esta, amante de Ênio Sales, mantém relação amorosa com certo pintor modernista cuja tarefa é pintá-la num quadro que representasse alegoricamente o novo país anunciado pelo movimento integralista. No último capítulo, assiste-se à história do advogado Fernando Matias Ribeiro, que, desde criança, habituou-se a ver o Brasil através dos cartões postais que recebia do pai quando este se encontrava em viagem e, mais tarde, por meio de trocas que fazia através da SCP (Sociedade dos Cartões Postais), da qual é membro fundador. Sua figura, além de ser uma referência irônica à imagem que se criou do Brasil sob o regime militar e às esquerdas que lutavam para derrubar a ditadura, lembrá também Des Esseintes, protagonista de *Às avessas*, romance decadentista de Huysmans. Ambos têm um ponto em comum: não conseguem conviver com a mesquinhez da vida prática. Esse capítulo reserva ao leitor uma surpresa, pois, no seu final, ressurge a figura de Fernão Matias Ribeiro, o degredado português, que aparecera no primeiro capítulo. Acordando de um sono de quinhentos anos, a personagem retorna à pátria e abandona todos os valores assimilados durante sua permanência no Brasil. Lembrando o conto “As ruínas circulares”, de Borges, o autor encerra sua narrativa de maneira irônica, pois, não importando a interpretação que o leitor possa dar ao texto, a narrativa questiona o fato de o Brasil e sua história não terem sido nada mais do que um sonho sonhado por várias figuras, em diversos momentos; uma ficção, portanto.

O título, *Os rios inumeráveis*, é índice bastante rico da ambigüidade obtida por essa obra de qualidades múltiplas. De um lado, remete para as diversas situações narradas, a que se associam as numerosas vozes que participam de sua elaboração. Embora se tenha uma personagem alçada à condição de protagonista que, por isso, se coloca como eixo dos diferentes momentos dramáticos, sua voz se divide com a voz do narrador-autor e a das demais personagens, atores do vasto painel que retrata a história brasileira e as vicissitudes que marcam a sua trajetória. De outro, aponta

para as fontes de que se valeu o autor para, metalingüística e parodiamente, tecer o seu texto.

Dialogando com outros textos de natureza ficcional ou não, Álvaro Cardoso Gomes tece a sua história, porém, longe está da figura de um mero compilador. Seu gênio criativo se faz presente em cada um dos níveis que se possa analisar na narrativa. Os textos históricos, literários e científicos, na realidade, não passam de mero ponto de partida para o escritor produzir uma narrativa que traz a marca de seu poder inventivo.



GOMES, Álvaro Cardoso

Os rios inumeráveis

Rio de Janeiro: Topbooks, 1997

431p.